UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ

INSTITUTO DE DE MEDICINA SOCIAL Série: Estudos em Saúde Coletha nº 036

BREVE HISTÓRICO DO PERCURSO DE KUHN; DO PARADIGMA AO EXEMPLAR Vera Lúcia Edais Pepe Vera Lúcia Edais Pepe



# BREVE HISTÓRICO DO PERCURSO DE KUHN: DO PARADIGMA AO EXEMPLAR

VERA LÚCIA EDAIS PEPE ABRIL/1993

Nº 36

Diretor: José C. Noronha

Comissão de Publicação: Cid M. de Mello Vianna

Michael Reichenheim

Joel Birman

Revisora: Clara Recht Diament

Secretária/Diagramação: Regina M. Anguiano Marchese

Nota: A série "Estudos em Saúde Coletiva" é uma publicação de textos para discussão do

Instituto de Medicina Social - IMS, de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Medicina Social - UERJ

P421 Pepe, Vera Lúcia Edais

Breve histórico do percurso de Kuhn: do paradigma ao exemplar. / Vera Lúcia Edais Pepe. — Rio de Janeiro: UERJ//IMS, 1993.

12 p.— (Série Estudos em Saúde Coletiva; nº 36)

Kuhn, Thomas S., 1992 - Filosofia. 2. Ciência - Filosofia.
 Título. II. Série.

CDU 5.01

## BREVE HISTÓRICO DO PERCURSO DE KUHN: DO PARADIGMA AO EXEMPLAR

**VERA LÚCIA EDAIS PEPE\*** 

### Introdução

O modelo da ciência proposto por Thomas Kuhn é hoje amplamente discutido por diversos profissionais de distintas áreas do conhecimento.

Assim é que, por exemplo, Blaug¹ contrapõe o paradigma kuhniano com o programa de pesquisa — proposto por Lakatos e baseado no pensamento popperiano— na história da Economia. Este autor chega a propor que o termo paradigma seja banido da literatura da Economia ou que, pelo menos, seja nela colocado entre aspas. Ainda no mesmo campo, Coats² defende a aplicação da abordagem kuhniana na Economia, uma vez que o processo de mudança de um paradigma a outro pode servir como "um tipo ideal, que pode ser usado para clarificar as inter-relações entre os elementos terminológicos, conceituais, pessoais e profissionais envolvidos no desenvolvimento das idéias econômicas..."

Num outro campo, Masterman<sup>3</sup> se dedica a explicitar a noção de paradigma para a ciência e propõe que "os verdadeiros cientistas estão agora, cada vez mais, lendo Kuhn ao invés de Popper: tanto que, sobretudo nos novos campos científicos, a palavra correta passou a ser paradigma e deixou de ser

Mestranda do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisadora-auxiliar do Departamento de Administração e Planejamento da Escola Nacional de Saúde Pública/FIOCRUZ.

hipótese". Esta autora vai se dedicar a analisar os diferentes significados utilizados por Kuhn para o seu conceito de paradigma.

Magee<sup>4</sup> propõe que a idéia kuhniana de "ciência normal" é válida e não se contrapõe a Popper. Para ele, Popper mostrava-se preocupado primordialmente com a descoberta e a inovação, ou seja, com o teste de teorias e a expansão do conhecimento enquanto Kuhn priorizava a maneira como os que aplicavam essas teorias e esse conhecimento orientavam seu trabalho.

O que gostaríamos de ressaltar com esta discussão é que, independentemente do campo de conhecimento onde esteja submersa, tratase de um embate teórico entre dois respeitados pensadores. Nesse sentido, seja qual for o locus em que ela se desenvolve, a discussão em torno do paradigma kuhniano não é senão um dos pontos de debate no que diz respeito ao avanço do conhecimento científico e reflete uma outra divergência muito maior entre estes dois pensadores. Popper acredita que a ciência é uma revolução permanente e que o conhecimento só pode progredir graças à crítica, enquanto para Kuhn as revoluções "são apenas um de dois aspectos complementares do avanço científico". 5 Na verdade, Kuhn se contrapõe à ciência "revolucionária" de Popper quando prioriza a ciência "normal", baseada na solução de enigmas.

A diferença entre ambos, para alguns autores, tem implicações tão extensas que leva Lakatos<sup>6</sup> a dizer que "o choque entre Popper e Kuhn não se verifica em torno de um mero ponto técnico de epistemologia. Refere-se aos nossos valores intelectuais centrais, e tem implicações não só para a física teórica mas também para a filosofia moral e política".

O objetivo deste trabalho não é, entretanto, dar ênfase a essa distinção entre os dois pensadores, mas procurar delimitar a noção de paradigma na obra de Thomas Kuhn. Para que este não fique fora de seu contexto é que achamos

importante esta preleção inicial e também situá-lo dentro do pensamento kuhniano da descoberta científica, a que nos dedicaremos a seguir.

#### Como caminha a ciência

Para Kuhn, <sup>7</sup> a descoberta científica se dá a partir mesmo de sua estrutura interna, ou seja, nasce no seio da própria comunidade científica e, mais do que isso, encontra-se dependente da tradição nela existente. A descoberta científica comporta três características:

- 1) Tem início através do aparecimento daquilo que denomina uma anomalia, que nada mais é do que "uma falha da natureza em se conformar completamente com a expectativa", deduzida de um processo inevitável e acidental. No seu entender, para que possa haver sua emergência, não basta a necessária perícia do "cientista" para observálas e reconhecê-las como algo de conseqüências importantes. Antes de tudo, é necessário um suficiente desenvolvimento de instrumentos e de teorias que permitam reconhecer uma anomalia como tal.
- 2) Após a descoberta da anomalia, os cientistas passam a rever suas expectativas, padrões instrumentais e, por vezes, suas teorias. Tal fato leva Kuhn a dizer que as descobertas tem uma história interna própria e que muitas vezes é impossível determinar o exato momento ou o ponto em que a descoberta científica se realizou.
- 3) As descobertas reagem retrospectivamente sobre o já conhecido, modificando a visão de objetos familiares e promovendo transformações nas técnicas estabelecidas da prática científica que podem revelar-se mais importante que o conhecimento fornecido pela própria descoberta.

O que está em jogo para Kuhn é a questão da importância do pensamento convergente — presente na investigação normal — e que, a seu ver, desemboca em uma revolução, diferente da revolução oriunda do pensamento divergente mas de grande valor no desenvolvimento da ciência. Na verdade,

para Kuhn,<sup>5</sup> "as divergências gigantescas estão no próprio ceme dos episódios mais significativos do desenvolvimento científico" e o conflito inevitável entre estes dois pensamentos — o convergente e o divergente — cria uma tensão essencial, onde a capacidade para suportá-la é um dos principais requisitos ao bom andamento da investigação científica. E é via investigação normal, baseada num consenso estabelecido pela tradição científica, que se pode quebrar esta mesma tradição dando origem a uma nova. O cientista não é, normalmente, um inovador mas sim um solucionador de enigmas, enigmas estes que são constatados e respondidos no interior da tradição científica existente, e, para Kuhn,<sup>5</sup> "o cientista produtivo deve ser um tradicionalista que gosta de jogar intrincados jogos com regras preestabelecidas, para ser um inovador com êxito que descobre novas regras e novas peças com que jogar".

O próprio autor diferencia o que chama de enigma daquilo que Popper denomina de problema uma vez que acredita ser o cientista quem se encontra em dificuldades ao se deparar com um enigma, e não a teoria corrente. Em circunstâncias especiais, capazes de provocar uma crise na investigação científica — um fracasso individual muito grande ou fracassos repetidos de profissionais mais brilhantes —, é que a dificuldade e fracasso individual pode vir a ser pensada como o insucesso de uma teoria. O critério de demarcação de uma ciência é por ele pensado como sendo exatamente a existência (ou não) de uma tradição de resolução de enigmas. Nesse sentido, para que um campo de conhecimento se torne ciência, é necessário que se tenham enigmas a serem resolvidos, e Kuhn chega mesmo a arriscar que uma comunidade científica só abraçará uma nova teoria se ela for capaz de, no mínimo, resolver quase todos os enigmas que foram tratados pela teoria antecessora.

É imbricado nesse desenvolver do conhecimento científico, das regras existentes e aceitas dentro das comunidades científicas, e da importância da ciência normal que Kuhn vai introduzir o conceito de paradigma.

Kuhn propõe o termo paradigma em seu livro A Estrutura das Revoluções Científicas. Como proposição inicial ele é amplo o suficiente, a ponto de Masterman<sup>3</sup> realizar um ensaio onde se propõe a elucidar a concepção do paradigma kuhniano. A autora refere ter Kuhn empregado este termo em pelo menos 21 sentidos diferentes que não são necessariamente incompatíveis entre si; ao contrário, alguns podem ser considerados elucidações de outros. Subdivide-os em três grandes grupos principais da seguinte maneira:

- 1) Paradigmas metafísicos ou metaparadigmas, quando se equiparam a um conjunto de crenças, a um mito, a uma especulação metafísica bemsucedida, a um modelo, a um novo modo de ver, a um princípio organizador que governa a própria percepção, a um mapa, e a alguma coisa que determina uma grande área de realidade. Para esta autora, Kuhn tem aqui em mente mais uma noção ou entidade metafísica do que uma noção ou entidade científica e propõe que seja este tipo de paradigma o que passou a ser alvo de críticas filosóficas.
- Paradigmas sociológicos, quando significam uma realização científica concreta, uma realização científica universalmente aceita, um conjunto de instituições políticas ou uma decisão judicial aceita.
- Paradigmas de artefato ou de construção, quando a palavra paradigma é empregada de modo mais concreto como verdadeiro manual ou obra clássica, como fornecedor de instrumentos, como instrumentação real, como paradigma gramatical, como analogia, como figura de Gestalt e como um baralho de cartas anômalo.

Todos esses sentidos foram retirados, por Masterman, ao longo do texto original kuhniano, e ela defende ser a noção de paradigma sociológico uma originalidade, na medida em que o paradigma pode funcionar mesmo quando não existe a teoria. Nessa visão, o paradigma é considerado um conjunto de hábitos científicos e ela refere que Kuhn fez uma única definição explícita de

paradigma em função desses hábitos, embora os tenha reunido sob o nome de realização científica concreta. A definição de paradigma a que a autora se reporta é quando Kuhn diz que a ciência normal significa pesquisa baseada em uma ou mais de uma realização científica passada, que alguma comunidade reconhece durante algum tempo como fornecedora dos fundamentos de sua prática ulterior, e quando chama de paradigma as realizações que compartilharem de duas características, quais sejam: serem sem precedentes a ponto de atrair um grupo de adeptos, desviando-os de modos concorrentes de atividade científica e serem suficientemente abertas para deixar problemas a serem resolvidos pelo grupo.

Parece ser necessário distinguir aqui aquilo que, no pensamento kuhniano, são as regras e o que são os paradigmas. Em seu livro, vai haver uma diferenciação entre ambos a ponto de o autor afirmar que "na verdade, a existência de um paradigma nem mesmo precisa implicar a existência de qualquer conjunto completo de regras".9 Nesse sentido, o paradigma é algo anterior e pode ser mais completo que um conjunto de regras ou, melhor dizendo, os paradigmas poderiam determinar a ciência normal sem a intervenção de regras que podem ser descobertas. É aqui que Kuhn se refere à questão dos modelos, das generalizações e do conceito de famílias naturais de Wittgenstein. Os problemas que surgem numa tradição científica não necessitam satisfazer as exigências de algum conjunto de regras mas podem relacionar-se a alguma parte do corpus científico que a comunidade científica já reconhece como uma de suas realizações confirmadas. Os modelos a partir dos quais os cientistas trabalham são adquiridos através da educação ou literatura e muitas vezes sem que os cientistas saibam precisar quais as características que proporcionaram a esses modelos o status do que Kuhn denomina paradigma comunitário. A ciência normal só pode avançar sem regras quando a comunidade científica acelta as soluções de problemas sem questioná-las, e as regras seriam importantes quando não houvesse acordo sobre elas.

Parece interessante uma outra observação de Masterman quando finda por concluir que Kuhn, em qualquer dos principais sentidos dado ao termo paradigma, jamais equipara "paradigma" a "teoria científica", uma vez que o paradigma sociológico é algo diferente da teoria por ser algo concreto e observável: um conjunto de hábitos; o metaparadigma é algo mais amplo e ideologicamente anterior à teoria e o paradigma de construção é menos que uma teoria por ser qualquer coisa capaz de provocar a ocorrência real de uma solução de enigma. O próprio Kuhn diz que "uso algures o termo paradigma em vez de teoria para denotar o que é rejeitado e substituído durante as revoluções científicas..." e que introduziu "o termo paradigma para sublinhar a dependência da investigação científica de exemplos concretos que enchem o que de outro modo seriam lacunas na especificação do conteúdo e da aplicação das teorias científicas".8

As críticas de vários autores a seu livro inicial fizeram com que Kuhn tentasse definir seu conceito de paradigma mais cuidadosamente, por reconhecer que muitas das dificuldades-chaves em torno de seu texto original se agrupavam em torno dele. 10 Assim é que admite tê-lo utilizado em duas situações diferentes: "De um lado, indica toda a constelação de crenças, valores, técnicas etc. partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada. De outro, denota um tipo de elemento desta constelação: as soluções concretas de quebra-cabeças que, empregadas como modelos ou exemplos, podem substituir regras explícitas como base para a solução dos restantes quebra-cabeças da ciência normal". 10 Denomina o primeiro de paradigma sociológico e o segundo, que considera o mais profundo dos dois sentidos e fonte principal das controvérsias evocadas por seu livro, caracteriza como realizações passadas dotadas de uma natureza exemplar.

Nesse posfácio, Kuhn propõe modificar a denominação de paradigma usada anteriormente como o que explica a comunicação profissional e a relativa unanimidade de julgamentos entre os membros da comunidade científica para matriz disciplinar. Dá-lhe esta denominação por ser uma "matriz" composta

de elementos ordenados de várias espécies, cada um deles exigindo uma pormenorização, e por ser "disciplinar", já que se refere a uma posse comum aos praticantes de uma disciplina particular. Os componentes dessa matriz disciplinar incluem os objetos de compromisso grupal que em seu texto original chama de paradigmas, partes de paradigma ou paradigmáticos. O segundo sentido de paradigma inicialmente adotado no seu livro, que mais se aproxima de sua idéia de paradigma, passa a ser um subconjunto desta matriz disciplinar.

Em um texto posterior, denominado "Reconstruções Acerca dos Paradigmas", 11 Kuhn identifica três constituintes principais dessa matriz disciplinar: as generalizações simbólicas, os modelos e os exemplares. O primeiro deles são os componentes formais ou facilmente formalizáveis da matriz disciplinar — expressões empregadas sem discussão ou dissensão pelos membros da comunidade científica —, sem os quais os membros do grupo não teriam pontos de apoio para a aplicação das poderosas técnicas de manipulação lógica e matemática no seu trabalho de resolução de enigmas, e cuja quantidade mantém, geralmente, uma relação direta com o poder de uma dada ciência.

O segundo elemento, o modelo, Kuhn relaciona aos seus "paradigmas metafísicos" ou "partes metafísicas dos paradigmas". 12 Sua função é fornecer ao grupo as analogias ou metáforas preferidas, auxiliando a determinar aquilo que será aceito como explicação ou solução de um quebra-cabeça, e a estabelecer a lista dos quebra-cabeças não solucionados avaliando, também, suas respectivas importâncias.

Cabe colocar aqui um desenvolvimento intermediário de Kuhn que pressupõe um elemento que aparece no Posfácio ao seu Estrutura das Revoluções Clentíficas, a que denomina valores. 10 Estes são, em geral, mais amplamente partilhados por diferentes comunidades do que os dois anteriores. Os valores contribuem para proporcionar aos cientistas um sentimento de

pertencerem a uma comunidade global, e adquirem maior importância quando os membros de uma comunidade científica precisam identificar uma crise ou escolher entre maneiras incompatíveis de praticar sua disciplina. Para o autor, "provavelmente os valores aos quais os cientistas aderem com mais intensidade são aqueles que dizem respeito a predições: devem ser acuradas..." Outros valores são usados para julgar teorias completas que precisam permitir a formulação de quebra-cabeças e de soluções e, de preferência, devem ter coerência interna, ser simples e compatíveis com outras teorias existentes. Ademais, para Kuhn, os valores podem ser partilhados, num grau maior que os outros elementos da matriz disciplinar, por homens que divergem quanto à sua aplicação, aplicação que "é consideravelmente afetada pelos traços da personalidade individual e pela biografia que diferencia os membros do grupo".

Em seu texto posterior, "Reconsiderações Acerca dos Paradigmas", 11 Kuhn já não o considera componente central, mas pensamos ser interessante colocá-lo aqui para dar uma idéia do desenvolvimento conceitual em torno da matriz disciplinar e do paradigma. Num primeiro momento, os valores partilhados são diferentes do que ele chama, nessa reflexão inicial, de exemplos partilhados. Estes últimos seriam os correspondentes de direito do termo paradigma e indicariam as soluções concretas de problemas que "os estudantes encontram desde o início de sua educação científica..." somados a algumas soluções técnicas de problemas que se encontram presentes durante a investigação e que são igualmente publicadas nos periódicos. Estas soluções indicariam, através de exemplos, como deveria ser realizado o trabalho científico. Nesse sentido, as diferenças entre conjuntos de exemplares apresentariam a estrutura comunitária da ciência. Ou seja, de Início, todos os estudantes aprendem os mesmos exemplares, e, na medida em que há o desenvolvimento de cada um, as generalizações simbólicas são cada vez mais exemplificadas através de diferentes exemplares, ou seja, alguns exemplares passam a ser comuns a todos os estudantes — os mais elementares — e.

dependendo da especialização de cada um, os exemplares deixam de ser comuns a mais de um grupo.

Kuhn trata de pensar que as generalizações simbólicas funcionam diferentemente na teoria científica e na matemática pura. Na primeira, elas se comportam como esquemas de generalizações cuja expressão simbólica pormenorizada varia de uma aplicação a outra, necessitando de uma nova formalização. Os cientistas exigem critérios — as regras de correspondência que lhes indiquem que versão simbólica particular é aplicável a cada problema. Pensa que esse processo é diferente da invenção de uma teoria científica: é possível ensinar-se como se faz uma nova formalização mas não como se inventa uma teoria.

Entretanto, para o autor, encontram-se muito poucas regras de correspondência nos textos científicos e no ensino da ciência, ou seja, as generalizações simbólicas são usadas muito pouco pelos cientistas quando pretendem modelar uma solução de problema com base num outro. A questão é como relacionar, uma vez considerada a analogia entre dois problemas, as conseqüências simbólicas do novo problema com a natureza. Isso significa reconhecer as semelhanças autorizadas pela comunidade científica e faz com que o estudante ganhe acesso às realizações cognitivas de seu grupo disciplinar. É através de problemas concretos e de suas respectivas soluções — os exemplares — padronizados por cada comunidade científica que se aprendem os conceitos fundamentais de uma comunidade científica. Isso se dá muito mais como uma percepção de semelhança, lógica e psicologicamente anterior a qualquer critério pelo qual essa identificação de semelhança pode ter sido feita.

Kuhn vai dar valor ao que chama de "dado" como resposta sensorial a um estímulo. Uma vez que um estímulo pode suscitar uma infinidade de sensações, propõe que a produção de dados a partir de um estímulo seja um procedimento apreendido. Nessa linha, os membros de comunidades

científicas diferentes respondem diferentemente ao mesmo estímulo e, portanto, os dados são respostas partilhadas apenas entre os membros de uma comunidade científica relativamente homogênea. Através do ensino é que se pode agrupar os dados e adquirir informações que, a princípio, não necessitam de definições ou regras de correspondência, mas apenas de uma percepção apreendida, através da qual se aprende algo sobre a natureza, quer dizer, se aprende a aplicar rótulos simbólicos à natureza. Esse processo cognitivo — através dos exemplos partilhados —, em combinação com outros processos (por exemplo, a generalização simbólica e a modelização), é considerado, por Kuhn, essencial para uma reconstrução adequada do conhecimento científico, embora não seja a única maneira de se adquirir e armazenar conhecimento. São esses exemplos partilhados que Kuhn define, finalmente, como os paradigmas de uma comunidade científica: desempenhando funções cognitivas e fornecendo ao grupo o que faltava no que diz respeito às regras.

#### Bibliografia

- Blaug, M "Kuhn Versus Lakatos, or Paradigms Versus Research Programs in the History of Economics." HOPE 7(4): 399-433, 1975.
- Coats, AW "Is There a Structure of Scientific Revolutions In Economics?" Kyklos 22: 298-294,1969.
- Masterman, M "The nature of a paradigm". In Criticism and the Growth of Knowledge, I. Lakatos e A. Musgrave (eds.). Cambridge Press. Cambridge, 1970.
- Magee, B. As Idéias de Popper. Ed. Cultrix, São Paulo. Série Mestres da Modernidade, 1973, p. 43.
- Kuhn, T. "A Tensão Essencial: Tradição e Inovação na Investigação Científica." In Tensão Essencial. Edições 70, Biblioteca de Filosofia Contemporânea, 1977.
- Lakatos, I. "O Falseamento e a Metodologia dos Programas de Pesquisa Científica." (mimeo.)
- Kuhn, T. "A Estrutura Histórica da Descoberta Científica." In Tensão Essencial. Edições 70, Biblioteca de Filosofia Contemporânea, 1977.
- "Lógica da Descoberta ou Psicologia da Investigação?" In Tensão Essencial. Edições 70, Biblioteca de Filosofia Contemporânea, 1977.
- "A Prioridade do Paradigma." In A Estrutura das Revoluções Científicas. Ed. Perspectiva, São Paulo, 3<sup>a</sup> edição, 1989.
- "Postácio 1969." In A Estrutura das Revoluções Científicas. Ed Perspectiva, São Paulo, 3<sup>a</sup> edição, 1989.
- "Reconstruções Acerca dos Paradigmas." In Tensão Essencial.
  Edições 70, Biblioteca de Filosofia Contemporânea, 1977.

#### **TEXTOS PUBLICADOS**

#### - 1992 -

019 - Veras, Renato Peixoto. Considerações sobre Desenhos de Pesquisa	
para Estudos com População Idosa no Brasil.	12 p.
020 - Oliveira, Cátia Gomes de. Análise do Conceito de Satisfação do	
Usuário na obra de Donabedian.	36 p.
021 - Guimarães, Reinaldo. Autonomia Universitária: Notas de Conjuntura	22 p.
022 - Birman, Joel. Sujeito Freudiano e Poder: Tragicidade e Paradoxo.	16 p.
023 - Fiori, José Luis. O Estado Brasileiro do Futuro: Descentralização ou	
Desintegração.	12 p.
024 - Guimarães, Reinaldo. A Discussion of some Priorities in Scientific	
Research in Brazil.	20 p.
025 - Sayd, Jane Dutra. Hahnemann e a Razão Clássica.	20 p.
026 - Fiori, José Luis. Ética e Política numa Periferia Capitalista.	16 p.
027 - Lourenço, Paulo Maurício Campanha. Homeopatia: Ciência ou Ficção?	
Meta-Análise da Teoria da Homeopatia.	100 p.
028 - Luz, Madel Therezinha. As Relações entre Burocracia-Aparato	
Estatal e Sociedade Civil na Sociedade Brasileira a partir de Políticas	
Sociais: Possibilidades e Limites de Generalizações para a América	
Latina analisando-se o caso das Políticas de Saúde.	20 p.
029 - Caldas, Célia Pereira. A Produção Social da Velhice.	16 p.
030 - Veras, Renato Peixoto. Considerations on Research in Studies on	
the Elderly Population in Brazil.	12 p.
— 1993 —	
031 - Mattos, Ruben Araujo de. Paradigmas, Cência e Saber Médico:	
Uma Discussão.	52 p.
032 - Birman, Joel. Os Impasses da Cientificidade no Discurso	
Freudiano e seus Destinos na Psicanálise.	48 p.
033 - Suassuna, Álcio; Suassuna Ítalo. Cólera: Aspectos Ecológicos,	
Epidemiológicos, Sócio-Culturais e Políticos relacionados à Epidemia que Grassa no Brasil (1991-1992)	40.0
034 - Santos, Luiz A. de Castro. A Pós-Graduação em Saúde Coletiva;	40 p.
Impressões sobre a Orientação de alunos.	16 p.
035 - Pitta, Aurea Maria da Rocha. Comunicação Social e Saúde:	
Reflexões Introdutórias sobre o Conceito e Especulações acerca	
de suas Implicações na Estruturação de Práticas Institucionais .	32 p.